



A Economia Brasileira

Nível de atividade

O ritmo da atividade econômica registrou dois períodos distintos no decorrer de 2008. No primeiro, observado nos três primeiros trimestres do ano, a economia brasileira cresceu a taxas elevadas, sustentada por expansões acentuadas no consumo e no investimento privados, passando a evidenciar, a seguir, os impactos do acirramento da crise financeira internacional tanto sobre os canais de crédito quanto sobre as expectativas dos agentes econômicos.

Nesse cenário, o PIB, mesmo recuando 3,6% no trimestre encerrado em dezembro, em relação ao finalizado em setembro, após ajuste sazonal, registrou alta de 5,1% no ano, refletindo o dinamismo experimentado pela economia nos nove primeiros meses do ano. Considerada a ótica da produção, o desempenho anual do PIB em 2008 traduziu resultados positivos em todos os seus componentes; enquanto, sob a ótica da demanda, repetindo o padrão iniciado em 2006, a expansão da demanda interna superou o crescimento do produto, mantida a contribuição negativa exercida pelo setor externo.

A demanda interna seguiu, portanto, sustentando o processo de crescimento da atividade econômica, evolução consistente com a melhora das condições de crédito e com a continuidade da recuperação do emprego e da renda que marcaram o primeiro período de 2008. A contribuição anual de 6,8 p.p. para o aumento do PIB esteve associada, em especial, ao crescimento de 13,8% registrado pela FBCF – maior taxa desde 1994. No âmbito do setor externo, as quantidades exportadas de bens e serviços recuaram 0,6% no ano e as importadas cresceram 18,5%, determinando contribuição negativa de 2,3 p.p. para a variação do PIB no período.

O mercado de trabalho, que reage com defasagem ao ritmo da atividade, seguiu registrando trajetória favorável até o final de 2008, expressa na taxa de desemprego de 6,8% observada em dezembro, menor patamar da série histórica iniciada em 2002. A taxa de desemprego média anual situou-se em 7,9%, ante 9,3% em 2007.

Produto Interno Bruto

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB cresceu 5,1% em 2008, décimo sexto resultado anual positivo em sequência. Esse resultado, que refletiu o dinamismo experimentado pela atividade econômica nos nove primeiros meses do ano, traduziu, mais uma vez, a contribuição positiva da demanda interna, com ênfase na aceleração registrada nos investimentos no período anterior à intensificação da crise nos mercados financeiros internacionais. Em valores correntes, o PIB a preços de mercado atingiu R\$2.889,7 bilhões.

Quadro 1.1 – PIB a preços de mercado

Ano	A preços de 2008 (R\$ milhões)	Variação real (%)	Deflator implícito (%)	A preços correntes ^{1/} (US\$ milhões)	População (milhões)	PIB <i>per capita</i>		
						A preços de 2008 (R\$)	Variação real (%)	A preços correntes ^{1/} (US\$)
1980	1 452 633	9,2	92,1	237 772	118,6	12 252	7,0	2 005
1981	1 390 896	-4,3	100,5	258 553	121,2	11 475	-6,3	2 133
1982	1 402 441	0,8	101,0	271 252	123,9	11 321	-1,3	2 190
1983	1 361 349	-2,9	131,5	189 459	126,6	10 755	-5,0	1 497
1984	1 434 862	5,4	201,7	189 744	129,3	11 099	3,2	1 468
1985	1 547 485	7,8	248,5	211 092	132,0	11 725	5,6	1 599
1986	1 663 391	7,5	149,2	257 812	134,7	12 353	5,4	1 915
1987	1 722 109	3,5	206,2	282 357	137,3	12 546	1,6	2 057
1988	1 721 076	-0,1	628,0	305 707	139,8	12 309	-1,9	2 186
1989	1 775 462	3,2	1304,4	415 916	142,3	12 476	1,4	2 923
1990	1 698 229	-4,3	2737,0	469 318	146,6	11 585	-7,1	3 202
1991	1 715 721	1,0	416,7	405 679	149,1	11 508	-0,7	2 721
1992	1 706 394	-0,5	969,0	387 295	151,5	11 260	-2,2	2 556
1993	1 790 430	4,9	1996,1	429 685	154,0	11 627	3,3	2 790
1994	1 895 222	5,9	2240,2	543 087	156,4	12 115	4,2	3 472
1995	1 975 272	4,2	93,9	770 350	158,9	12 433	2,6	4 849
1996	2 017 750	2,2	17,1	840 268	161,3	12 508	0,6	5 209
1997	2 085 856	3,4	7,6	871 274	163,8	12 736	1,8	5 320
1998	2 086 593	0,0	4,2	843 985	166,3	12 551	-1,5	5 077
1999	2 091 894	0,3	8,5	586 777	168,8	12 396	-1,2	3 477
2000	2 181 975	4,3	6,2	644 984	171,3	12 739	2,8	3 766
2001	2 210 627	1,3	9,0	553 771	173,8	12 718	-0,2	3 186
2002	2 269 388	2,7	10,6	504 359	176,4	12 866	1,2	2 859
2003	2 295 409	1,1	13,7	553 603	179,0	12 825	-0,3	3 093
2004	2 426 529	5,7	8,0	663 783	181,6	13 363	4,2	3 655
2005	2 503 200	3,2	7,2	882 439	184,2	13 591	1,7	4 791
2006	2 602 602	4,0	6,1	1 088 911	186,8	13 935	2,5	5 830
2007	2 750 100	5,7	3,7	1 333 818	187,6	14 656	5,2	7 108
2008	2 889 719	5,1	5,9	1 573 321	189,6	15 240	4,0	8 298

Fonte: IBGE

1/ Estimativa do Banco Central do Brasil, obtida pela divisão do PIB a preços correntes pela taxa média anual de câmbio de compra.

O desempenho positivo do PIB decorreu, mais uma vez, de expansões generalizadas em seus componentes. A produção da agropecuária aumentou 5,8%, impulsionada pelo crescimento de 9,6% da safra de grãos, resultado associado, fundamentalmente, a ganhos médios de produtividade da ordem de 5,3%, consistente com a ocorrência de condições climáticas adequadas e com o ambiente de estímulos a investimentos proporcionado pela evolução dos preços de comercialização. A área colhida aumentou 4,1% no ano.

Quadro 1.2 – PIB – Variação trimestre/trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal

Discriminação	2008			
	I	II	III	IV
PIB a preço de mercado	1,6	1,6	1,7	-3,6
Agropecuária	-1,3	3,0	1,3	-0,5
Indústria	2,4	-0,2	3,6	-7,4
Serviços	1,4	0,9	0,8	-0,4

Fonte: IBGE

A atividade industrial cresceu 4,3% em 2008, registrando taxas positivas em todos os subsetores. A indústria da construção civil, traduzindo o processo de fortalecimento da renda e os efeitos de medidas de incentivo direcionadas ao setor, aumentou 8%, quinto resultado anual positivo consecutivo. A produção e distribuição de eletricidade, gás e água, refletindo o desempenho da economia no ano, cresceu 4,5%, enquanto o setor

Quadro 1.3 – Taxas reais de variação do PIB – Ótica do produto

Discriminação	2006	2007	2008
PIB	4,0	5,7	5,1
Setor agropecuário	4,5	5,9	5,8
Setor industrial	2,3	4,7	4,3
Extrativa mineral	4,4	2,8	4,3
Transformação	1,1	4,7	3,2
Construção	4,7	5,0	8,0
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	3,5	5,9	4,5
Setor serviços	4,2	5,4	4,8
Comércio	5,9	7,1	6,1
Transporte, armazenagem e correio	2,1	5,3	3,2
Serviços de informação	1,6	7,0	8,9
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos	8,4	14,5	9,1
Outros serviços	4,0	2,7	4,5
Atividades imobiliárias e aluguel	3,0	4,1	3,0
Administração, saúde e educação pública	3,3	2,4	2,3

Fonte: IBGE

extrativo mineral expandiu 4,3%. A expansão de 3,2% na produção da indústria de transformação refletiu, em especial, os impactos favoráveis do ambiente de estabilidade econômica e das melhores condições nos mercados de crédito e de trabalho sobre a demanda por bens de capital e por bens de consumo duráveis.

O setor de serviços cresceu 4,8% em 2008, registrando-se expansão generalizada em seus subsetores, em especial serviços de intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos, 9,1%; serviços de informação, 8,9%; comércio, 6,1%; e transporte, armazenagem e correio, 3,2%, os dois últimos impactados pelo desempenho dos setores primário e secundário. Assinale-se, ainda, o crescimento nos segmentos outros serviços, 4,5%; atividades imobiliárias e aluguel, 3%; e administração, saúde e educação pública, 2,3%.

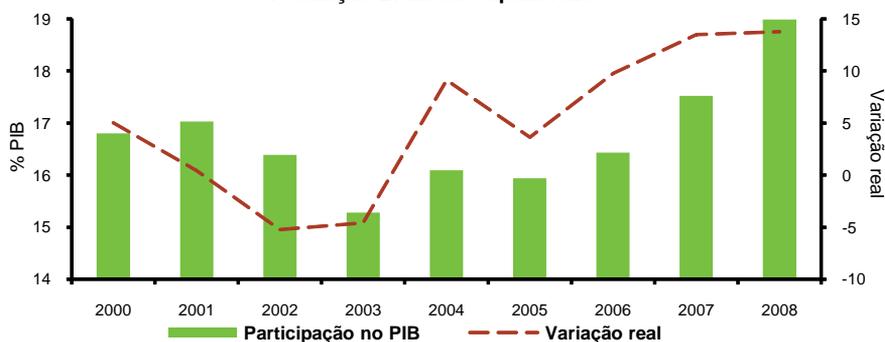
Quadro 1.4 – Taxas reais de variação do PIB – Ótica da despesa

Discriminação	2006	2007	2008
PIB	4,0	5,7	5,1
Consumo das famílias	5,2	6,3	5,4
Consumo do governo	2,6	4,7	5,6
Formação Bruta de Capital Fixo	9,8	13,5	13,8
Exportações	5,0	6,7	-0,6
Importações	18,4	20,8	18,5

Fonte: IBGE

A contribuição da demanda interna para o crescimento do PIB alcançou 6,8 p.p. em 2008. A FBCF aumentou 13,8%, seguindo-se as expansões do consumo do governo, 5,6%, e das famílias, 5,4%. Em sentido inverso, o setor externo contribuiu negativamente com 2,3 p.p. para a evolução anual do PIB, resultado compatível com os desdobramentos do vigor da demanda interna sobre os fluxos externos de comércio. Nesse sentido, enquanto

Gráfico 1.1
Formação Bruta de Capital Fixo



Fonte: IBGE

as exportações de bens e serviços recuaram 0,6% no ano, as importações, relevantes para o aparelhamento do parque industrial e para o equilíbrio entre a demanda e a oferta de bens de consumo, elevaram-se 18,5%.

Quadro 1.5 – PIB – Valor corrente, por componente

Em R\$ milhões				
Discriminação	2005	2006	2007	2008
Produto Interno Bruto a preços de mercado	2 147 239	2 369 797	2 597 611	2 889 719
Ótica do produto				
Setor agropecuário	105 163	111 229	133 015	163 536
Setor industrial	539 283	585 602	623 721	682 497
Setor serviços	1 197 807	1 337 903	1 466 783	1 595 021
Ótica da despesa				
Consumo final	1 721 783	1 903 679	2 096 903	2 337 823
Consumo das famílias	1 294 230	1 428 906	1 579 616	1 753 414
Consumo da administração pública	427 553	474 773	517 287	584 408
Formação Bruta de Capital	347 976	397 340	460 672	547 066
Formação Bruta de Capital Fixo	342 237	389 328	455 213	548 757
Varição de estoques	5 739	8 012	5 459	-1 690
Exportação de bens e serviços	324 842	340 457	355 399	414 257
Importação de bens e serviços (-)	247 362	271 679	315 362	409 427

Fonte: IBGE

O desempenho do PIB em 2008 refletiu a evolução favorável da economia nos nove primeiros meses do ano e a trajetória de arrefecimento que se seguiu ao agravamento da crise financeira internacional. Nesse sentido, ratificando, principalmente, o crescimento contínuo da renda real e do emprego, o PIB cresceu 1,6% no primeiro trimestre do ano, em relação ao trimestre anterior, considerados dados dessazonalizados.

Esse resultado refletiu aumentos de 2,4% na indústria e de 1,4% no setor de serviços, contrastando com a evolução negativa de 1,3% na produção agropecuária. Em relação aos componentes da demanda, ressaltou-se, no período, o crescimento de 2,8% da FBCF, sétimo resultado trimestral positivo em sequência, e as expansões nos consumos das famílias, 5%, e do governo, 4,1%. As exportações recuaram 6,2% e as importações, em linha com o processo de aceleração do nível da atividade, cresceram 1,3%.

A evolução do PIB apresentou o mesmo dinamismo no segundo trimestre. O aumento de 1,6% do produto no período traduziu as elevações observadas nos segmentos agropecuário, estimulado pelas safras de soja e de milho, 3%; e serviços, 0,9%, em oposição ao recuo de 0,2% assinalado no setor industrial. Em relação aos componentes da demanda, assinalou-se, no trimestre, a continuidade do crescimento da FBCF, atingindo 3,4%, enquanto o consumo das famílias aumentou 0,7% e o do governo decresceu 0,2%. As exportações elevaram-se 3,9% e as importações, 8,6% no período.

A expansão trimestral do PIB seguiu em ritmo crescente no terceiro trimestre do ano, quando atingiu 1,7%, constituindo-se no décimo segundo resultado positivo em sequência, nessa base de comparação. A agropecuária cresceu 1,3%, enquanto a indústria e os serviços registraram aumentos respectivos de 3,6% e de 0,8%. Sob o enfoque da demanda, sempre considerando dados dessazonalizados, ressaltou-se, nesse trimestre, a expansão de 8,4% dos investimentos, enquanto o consumo das famílias aumentou 2,1% e o do governo, 1,6%. As exportações decresceram 1,4% e as importações elevaram-se 6,4%, ressaltando-se que as compras externas aumentaram, no período, pelo décimo segundo trimestre consecutivo.

Ratificando a evolução de indicadores antecedentes e coincidentes, o PIB recuou 3,6% no último trimestre de 2008, interrompendo doze trimestres consecutivos de elevação, impactado, em especial, pela redução de 7,4% na indústria, que procedeu ajustes importantes como resposta à restrição ao crédito provocada pela crise financeira internacional, à deterioração do sentimento do empresário, à redução da demanda externa e à adequação do nível de estoques. A produção agropecuária recuou 0,5% no trimestre e a relativa ao setor de serviços, 0,4%. Sob a ótica da demanda, a FBCF e o consumo das famílias registraram recuos respectivos de 9,8% e de 2% no trimestre, em oposição à expansão de 0,5% assinalada no consumo do governo. Adicionalmente, a contribuição negativa do setor externo traduziu reduções de 2,9% nas exportações e de 8,2% nas importações, resultado compatível com o novo ambiente econômico.

Nesse quadro de redução da atividade, o governo e o Banco Central do Brasil atuaram com várias medidas anticíclicas que incorporam empréstimos em moeda estrangeira, para financiar as exportações e garantir a liquidez do mercado; incentivos fiscais, com redução de impostos e aumento dos gastos, em especial dos investimentos em infraestrutura; e liberação de recolhimentos compulsórios para aumentar a liquidez do sistema financeiro nacional, incentivando o crescimento dos empréstimos.

Investimentos

Os investimentos, excluindo as variações de estoques, aumentaram 13,8% em 2008, de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE, configurando a maior taxa anual desde 1994 e o quinto resultado positivo consecutivo. Esse ritmo de expansão, substancialmente superior ao registrado pelo PIB, evidenciou, em especial, as expectativas favoráveis do empresariado na continuidade do ciclo de expansão da economia, predominantes nos nove primeiros meses do ano.

Os insumos da construção civil registraram crescimento anual de 8,5% em 2008, ante 5,1% no ano anterior, evolução impulsionada pelo cenário de ganhos nos mercados de crédito e de trabalho e pelos impactos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) sobre o setor.

Quadro 1.6 – Formação Bruta de Capital (FBC)

Percentual

Ano	Participação na FBC			Variação de estoques	A preços correntes	
	Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)				FBCF/PIB	FBC/PIB
	Construção civil	Máquinas e equipamentos	Outros			
1995	44,5	48,9	8,3	-1,6	18,3	18,0
1996	48,2	43,5	7,3	1,0	16,9	17,0
1997	49,5	43,1	7,0	0,3	17,4	17,4
1998	51,9	40,8	6,9	0,3	17,0	17,0
1999	50,6	37,2	7,8	4,4	15,7	16,4
2000	45,7	39,3	7,1	7,9	16,8	18,3
2001	43,9	43,3	7,3	5,5	17,0	18,0
2002	47,8	44,8	8,5	-1,2	16,4	16,2
2003	42,8	45,3	8,7	3,1	15,3	15,8
2004	41,1	45,0	7,9	6,0	16,1	17,1
2005	41,6	49,0	7,7	1,6	15,9	16,2
2006	39,6	50,6	7,8	2,0	16,4	16,8
2007	17,5	17,7
2008	19,0	18,9

Fonte: IBGE

A produção de bens de capital apresentou crescimento anual de 14,3% em 2008, ante 19,5% no ano anterior, resultado de aumentos generalizados em seus componentes, com ênfase nos registrados nos segmentos ligados à agropecuária, em especial máquinas e equipamentos agrícolas, 35,1%, e peças agrícolas, 58,8%. Registraram-se, ainda, aumentos importantes nas produções de bens de capital destinados a equipamentos de transporte, 31,3%; e de energia elétrica, 12%. Os bens de capital para construção variaram 4,8% no período. A produção de bens tipicamente industrializados aumentou 4,6% no ano, reflexo de elevações nos segmentos de seriados, 2,7%, e de não seriados, 17,4%.

Os desembolsos do sistema BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESPar) – totalizaram R\$90,9 bilhões em 2008, elevando-se 40% em relação ao ano anterior. A análise setorial revela que o desempenho do setor de infraestrutura mostrou-se determinante para essa evolução, registrando elevação anual de 40,6%.

A Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), utilizada como indexador de financiamentos contratados junto ao sistema BNDES, permaneceu em 6,25% a.a. ao longo de 2008, patamar mantido desde o segundo trimestre de 2007.

Quadro 1.7 – Desembolsos do Sistema BNDES^{1/}

Em R\$ milhões

Discriminação	2006	2007	2008
Total	51 318	64 892	90 878
Por setor			
Indústria de transformação	25 734	25 395	35 710
Comércio e serviços	20 704	33 448	46 263
Agropecuária	3 423	4 998	5 595
Indústria extrativa	1 458	1 051	3 311

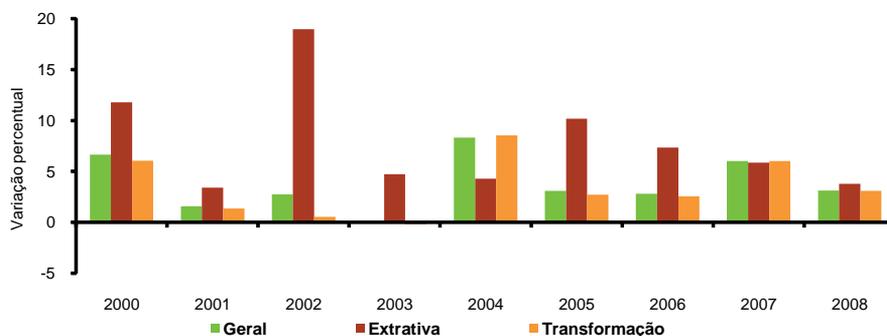
Fonte: BNDES

1/ Compreende o BNDES, a Finame e o BNDESpar.

Indicadores da produção industrial

A produção industrial registrou taxa de crescimento anual de 3,1% em 2008, segundo o índice de produção física da indústria geral da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE, ante expansões de 6% em 2007 e de 3,4% no período de 1999 até 2007, desde a introdução do regime de metas de inflação.

Gráfico 1.2
Produção industrial



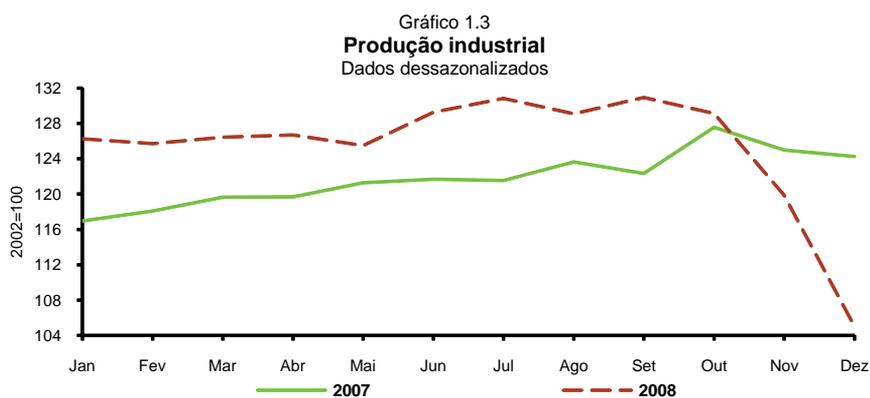
Fonte: IBGE

A evolução anual da indústria pode ser claramente posicionada nos períodos pré-crise e pós-crise. Nesse sentido, a taxa de crescimento do índice da produção industrial, após registrar crescimento acumulado de 6,4% até o terceiro trimestre de 2008, em relação a igual período do ano anterior, assinalou redução de 6,2% no último trimestre do ano, ante igual período de 2007. Esse movimento é ratificado pelas variações trimestrais do indicador, que atingiram, em sequência, 0,4%, 0,8%, 2,5% e -9,4% ante os trimestres imediatamente anteriores.

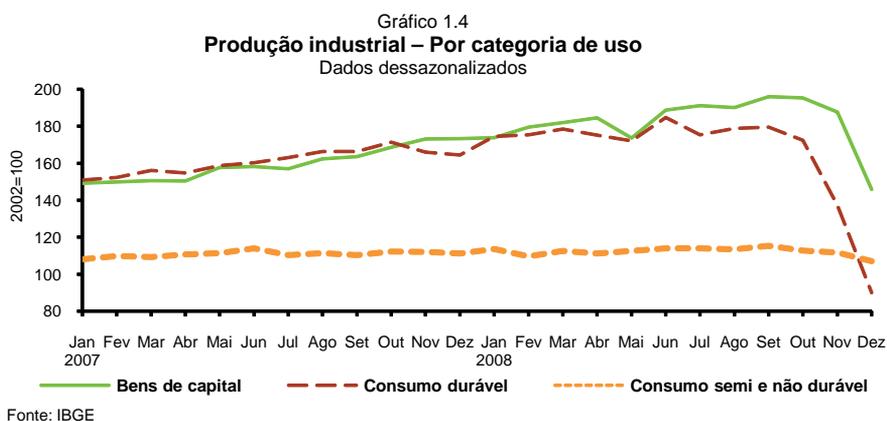
Quadro 1.8 – Produção de bens de capital selecionados

Discriminação	Variação percentual		
	2006	2007	2008
Bens de capital	5,7	19,5	14,4
Industrial	5,5	17,0	4,7
Seriados	5,2	18,5	2,8
Não seriados	6,9	7,4	17,4
Agrícolas	-16,5	48,4	35,1
Peças agrícolas	-38,9	170,8	58,8
Construção	8,2	18,7	5,6
Energia elétrica	22,2	26,0	12,0
Transportes	-1,6	18,0	31,4
Misto	11,6	15,4	2,5

Fonte: IBGE



As quatro categorias de uso pesquisadas pelo IBGE apresentaram comportamentos diferenciados no decorrer do ano, mas todas foram sensibilizadas pela retração do crescimento observada no quarto trimestre do ano. Impulsionado pelo alongamento do horizonte de planejamento e pela expansão da demanda interna e do crédito, o



crescimento interanual da produção de bens de capital alcançava 18% nos três primeiros trimestres do ano, reduzindo-se para 14,4% quando incorporado o resultado do quarto trimestre. Ressalte-se que essa categoria foi a única a apresentar taxa de crescimento positiva nesse trimestre.

A expansão do emprego e da renda e a confiança do consumidor constituíram-se em forte estímulo à demanda por bens de consumo duráveis, atendida, em especial, pela produção interna. Nesse cenário, o crescimento da produção de bens de consumo duráveis, após atingir 12,1% até o terceiro trimestre, situou-se em 3,7% no ano, traduzindo a redução de 19,5% registrada no quarto trimestre, em relação a igual período de 2007.

A produção de bens intermediários aumentou 1,6% no ano, registrando, igualmente, desempenho favorável nos nove primeiros meses do ano e recuo no último trimestre, expressos em variações respectivas de 5,3% e -9,2%, nas mesmas bases comparativas.

A produção de bens de consumo semiduráveis e não duráveis, menos sensível ao estímulo das condições de crédito, após apresentar crescimento acumulado de 2,3% até o terceiro trimestre do ano, inferior ao da indústria geral, registrou recuo de 1,2% no período subsequente, resultando em expansão anual de 1,4%.

Quadro 1.9 – Produção industrial

Discriminação	Variação percentual		
	2006	2007	2008
Total	2,8	6,0	3,1
Por categorias de uso			
Bens de capital	5,7	19,5	14,4
Bens intermediários	2,1	4,9	1,6
Bens de consumo	3,3	4,7	1,9
Duráveis	5,8	9,1	3,7
Semi e não duráveis	2,7	3,4	1,4

Fonte: IBGE

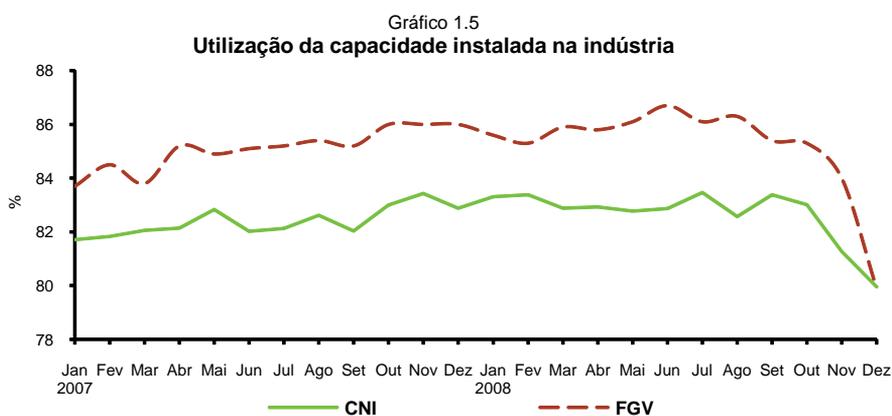
Dentre as atividades pesquisadas pelo IBGE, dezesseis apresentaram taxas positivas de crescimento no ano, e nove, taxas negativas, com ênfase nas relativas aos segmentos outros equipamentos de transporte, 42,2%; equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, 15,7%; e farmacêutico, 12,6%. Em sentido inverso, assinalem-se os desempenhos negativos observados nas atividades madeira, 10,2%; máquinas de escritório e equipamentos de informática, 9%; fumo, 7%; e calçados e couro, 6,8%.

As duas atividades de maior peso na indústria geral – alimentos e veículos automotores – foram significativamente impactadas pela crise econômica, registrando desaceleração dos crescimentos acumulados respectivos de 1,2% e de 17,5% até o terceiro trimestre, para expansões anuais de 0,5% e 8,2%, respectivamente.

A produção industrial registrou, em 2008, expansão generalizada em termos regionais, excetuando-se, entre as treze unidades da Federação pesquisadas, o resultado negativo observado em Santa Catarina, impactado pelos desempenhos desfavoráveis dos segmentos madeira e máquinas e equipamentos. As unidades com maior expansão industrial foram Goiás, 8,1%, com ênfase nas indústrias de alimentos e bebidas e na extrativa, e Paraná, 8,6%, esta traduzindo os impulsos significativos associados às atividades veículos automotores, em especial caminhões, edição e impressão, e celulose e papel.

O nível de emprego na indústria apresentou crescimento de 2,7% em 2008, considerada a média anual do índice de Pessoal Ocupado Assalariado (POA) da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes) do IBGE. Ressalte-se que, ao final do ano, o nível de emprego situava-se em patamar 1,1% inferior ao de dezembro de 2007.

Onível médio de utilização da capacidade instalada (Nuci) na indústria manteve, em 2008, o patamar elevado observado ao final de 2007, atingindo, de acordo com a Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação (SCIT) da Fundação Getulio Vargas (FGV), 85,2%, ante o recorde de 86,7% assinalado em junho de 2008. Na margem, o Nuci apresentou recuo mensal de 4,6 p.p. em dezembro, situando-se em 80,6%.



Quadro 1.10 – Utilização da capacidade instalada na indústria^{1/}

Percentual

Discriminação	2006	2007	2008
Indústria de transformação	83,3	85,1	85,2
Bens de consumo finais	80,1	83,1	84,9
Bens de capital	82,0	85,7	87,9
Materiais de construção	85,1	84,6	88,4
Bens de consumo intermediários	87,3	87,8	86,4

Fonte: FGV

1/ Pesquisa trimestral. Média do ano.

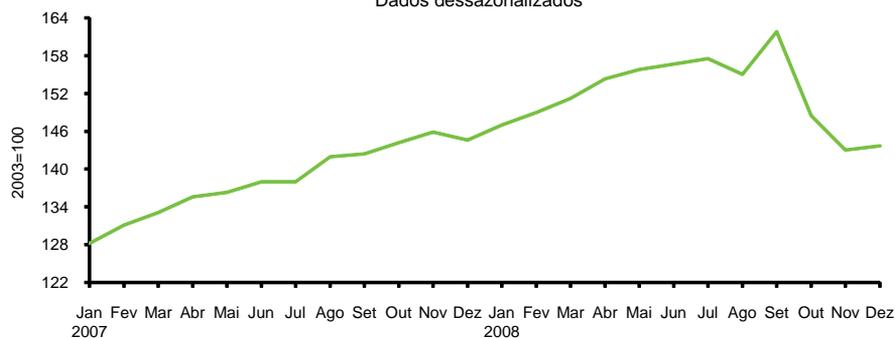
O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da SCIT, da FGV, recuou 46,2 pontos no último trimestre do ano, atingindo 71,4 pontos em dezembro, após haver registrado, em agosto, 120,4 pontos, o segundo maior valor da série, iniciada em abril de 1995.

A Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI) registrou, igualmente, deterioração das condições da indústria no último trimestre do ano, expressa em nível recorde de acúmulo de estoques indesejados. Em relação ao nível de atividade no trimestre, o índice de volume da produção atingiu 40,8 pontos e o relativo à evolução do número de empregados, 44 pontos, menores níveis desde o primeiro trimestre de 1999, sinalizando redução da produção física e contração do emprego trimestrais.

Indicadores do comércio

Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE, o Índice de Volume de Vendas no Comércio Ampliado aumentou 9,9% em 2008, segunda maior taxa anual registrada, superada apenas pela expansão de 13,6% assinalada em 2007. Vale mencionar que de janeiro a setembro, antes do agravamento do quadro econômico mundial, a taxa de crescimento acumulada do comércio ampliado atingia 13,8%, em relação a igual período do ano anterior. As vendas elevaram-se em todos os segmentos que compõem o indicador, com ênfase nas relativas a equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 33,5%; outros artigos de uso pessoal e doméstico, 15,6%; móveis e eletrodomésticos, 15,1% e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 13,3%.

Gráfico 1.6
Índice de Volume de Vendas no Comércio – Ampliado
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

As vendas nos segmentos automóveis, motocicletas, partes e peças, e materiais de construção, mais dependentes das concessões de crédito, apresentaram taxas de crescimento anuais respectivas de 11,9% e 7,8%, após se expandirem, na ordem, 20,7% e 11,5% nos nove primeiros meses do ano.

O aumento das vendas no comércio ampliado, em 2008, ocorreu de forma generalizada nas cinco regiões do país. A taxa mais elevada ocorreu no Centro-Oeste, 11,3%; seguindo-se as relativas às regiões Sudeste, 10,8%; Sul, 10%; Nordeste, 9,2% e Norte, 7,6%. Em relação às unidades da Federação, assinalem-se os aumentos nas vendas varejistas em Rondônia, 19%; Espírito Santo, 17,2%; Mato Grosso, 15,2%; Goiás, 14% e Mato Grosso do Sul, 13,7%, contrastando com os desempenhos mais modestos observados no Distrito Federal, 0,7%; Pará, 3,1% e Amazonas, 5,7%.

A Receita Nominal de Vendas no comércio ampliado apresentou expansão de 15,1% em 2008, resultado de crescimentos de 9,1% no volume de vendas e de 5,5% nos preços. Todos os segmentos apresentaram taxas de crescimento da receita nominal superiores à inflação anual de 5,90% registrada pelo IPCA, do IBGE, no período, com destaque para os relativos aos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 21,7%; material de construção, 18,1% e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 17,2%.

Indicadores do comércio relativos ao estado de São Paulo ratificam o crescimento generalizado das vendas de bens duráveis, semi e não duráveis em 2008. Nesse sentido, de acordo com a Associação Comercial de São Paulo (ACSP), o número de consultas ao Serviço Central de Proteção ao Crédito (SCPC), indicador de compras a prazo, cresceu 6,4% no ano, enquanto as consultas ao Usecheque, indicador de compras à vista, elevaram-se 4,3% no período.

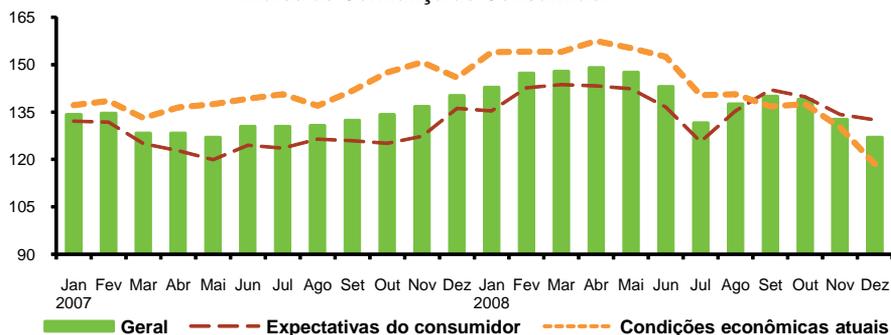
As vendas do setor automobilístico aumentaram 14,6% em 2008, de acordo com a Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), após se elevarem 27,1% nos nove primeiros meses do ano. Na mesma linha, as vendas de autoveículos nacionais no mercado interno, divulgadas pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), registraram elevação anual de 11,9% em 2008, após aumentarem 26,3% até setembro.

Os indicadores de inadimplência seguem em patamar estável nos últimos anos. A relação entre o número de cheques devolvidos por insuficiência de fundos e o total de cheques compensados atingiu, em média, 6,1% em 2008, ante 6,2% em 2007. Por região, as maiores taxas continuaram ocorrendo no Norte e no Nordeste. A inadimplência na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), medida pela ACSP, atingiu, em média, 6,5% em 2008, ante 5,4% no ano anterior.

Pesquisas de âmbito nacional, relacionadas às expectativas dos consumidores, apresentaram inversão da tendência de crescimento ao longo de 2008. Após manutenção em patamar elevado até o fim do terceiro trimestre, a confiança do consumidor foi impactada, no quarto trimestre do ano, pelo acirramento dos efeitos da crise internacional sobre a economia brasileira. Nesse sentido, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da FGV, recuou 1,6% no ano, resultado de reduções de 5,2% no Índice de Expectativas

(IE) e de elevação de 5,4% no Índice da Situação Atual (ISA). Ressaltem-se os recuos respectivos de 15% e 9,7% registrados por esses componentes no último trimestre de 2008, em relação a igual período de 2007.

Gráfico 1.7
Índice de Confiança do Consumidor



Fonte: Fecomercio SP

No mesmo sentido, o Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec), de periodicidade trimestral, divulgado pela CNI, registrou deterioração da confiança do consumidor, recuando 1,6% no último trimestre do ano, em relação a igual período do ano anterior. Os declínios mais acentuados ocorreram nas expectativas dos consumidores em relação ao desemprego, 17,3%, e à inflação, 14,4%. O Inec registrou crescimento anual de 0,4%.

O ICC, divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP), recuou 3% no quarto trimestre de 2008 em relação ao mesmo período de 2007, resultado de redução de 13% no Índice de Condições Econômicas Atuais (Icea) e de elevação de 4,6% no Índice de Expectativas do Consumidor (IEC), que representa 60% do índice geral. O desempenho do indicador nos três primeiros trimestres de 2008 proporcionou seu crescimento, de 6,2% na comparação interanual.

Indicadores da produção agropecuária

A safra de grãos totalizou 145,8 milhões de toneladas em 2008, de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado pelo IBGE, em colaboração com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O crescimento anual de 9,6% traduziu expansões de 4,1% na área colhida e de 5,3% na produtividade média, com ênfase nas participações das produções das regiões Centro-Oeste, 34,8%, e Sul, 42%, cujas produções elevaram-se, na ordem, 15,5% e 1,9% no ano.

A produção de soja cresceu 3,4% no ano, totalizando 59,9 milhões de toneladas, resultado de expansão da área colhida, dada a estabilidade da produtividade.

Quadro 1.11 – Produção agrícola – Principais culturas

Milhões de toneladas

Produtos	2007	2008
Grãos	133,1	145,8
Caroço de algodão	2,5	2,4
Arroz (em casca)	11,0	12,1
Feijão	3,2	3,4
Milho	51,8	58,7
Soja	58,0	59,9
Trigo	4,1	6,0
Outros	2,4	3,2
Varição da safra de grãos (%)	13,8	9,6
Outras culturas		
Banana	7,1	7,2
Batata-inglesa	3,4	3,7
Cacau (amêndoas)	0,2	0,2
Café (beneficiado)	2,2	2,8
Cana-de-açúcar	548,0	653,2
Fumo (em folhas)	0,9	0,9
Laranja	18,5	18,7
Mandioca	26,9	26,6
Tomate	3,4	3,9

Fonte: IBGE

Registrou-se recuperação nas exportações do grão, que se elevaram 3,3% no ano, após recuarem 4,9% em 2007.

A colheita de milho atingiu 58,7 milhões de toneladas, ressaltando que o aumento anual de 13,3% refletiu crescimentos de 4,1% na área colhida e de 8,9% na produtividade. As condições climáticas adequadas e o nível elevado das cotações da *commodity* foram determinantes para esse desempenho.

Quadro 1.12 – Produção agrícola, área colhida e rendimento médio – Principais culturas

Variação percentual

Produtos	Produção		Área		Rendimento médio	
	2007	2008	2007	2008	2007	2008
Grãos	13,8	9,6	-0,4	4,1	14,1	5,3
Algodão (caroço)	37,5	-2,5	23,1	-5,2	5,0	3,0
Arroz (em casca)	-4,0	9,7	-2,5	-1,3	-1,3	11,1
Feijão	-5,6	5,0	-4,7	-1,7	0,4	6,7
Milho	21,6	13,3	9,4	4,1	10,5	8,9
Soja	10,7	3,4	-6,2	3,4	18,5	0,0
Trigo	64,8	47,5	18,0	30,7	37,5	12,6

Fonte: IBGE

Quadro 1.13 – Estoque de grãos – Principais culturas

Mil toneladas

Produtos	2005/2006	2006/2007	2007/2008
Grãos			
Arroz (em casca)			
Início do ano	3 532,1	2 879,3	2 021,7
Final do ano	2 879,3	2 021,7	1 101,3
Feijão			
Início do ano	113,6	176,2	81,4
Final do ano	176,2	81,4	160,7
Milho			
Início do ano	3 135,4	3 268,3	3 300,2
Final do ano	3 268,3	3 300,2	11 871,9
Soja			
Início do ano	2 734,7	2 469,7	3 675,6
Final do ano	2 469,7	3 675,6	4 540,1
Trigo			
Início do ano	1 112,5	1 992,9	1 753,7
Final do ano	1 992,9	1 753,7	1 566,2

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

A produção de feijão totalizou 3,4 milhões de toneladas. O crescimento anual de 5% refletiu tanto o aumento de 6,7% na produtividade média quanto a redução de 1,7% na área colhida. As condições climáticas favoráveis e o nível de preços praticado na época do cultivo contribuíram para o bom desempenho dessa colheita.

A safra de arroz atingiu 12,1 milhões de toneladas, elevando-se 9,7% no ano, resultado de aumento de 11,1% no rendimento médio e de redução de 1,3% na área colhida. As boas condições climáticas, em especial no estado do Rio Grande do Sul, principal estado produtor, onde ocorreu aumento na área plantada, concorreram para os aumentos da produtividade e da produção.

O volume produzido de trigo atingiu 6 milhões de toneladas, aumentando 47,5% em relação à safra anterior. A área colhida cresceu 30,7% e a produtividade média, 12,6%, refletindo o ambiente de elevadas cotações internacionais do produto em função do aquecimento da demanda externa.

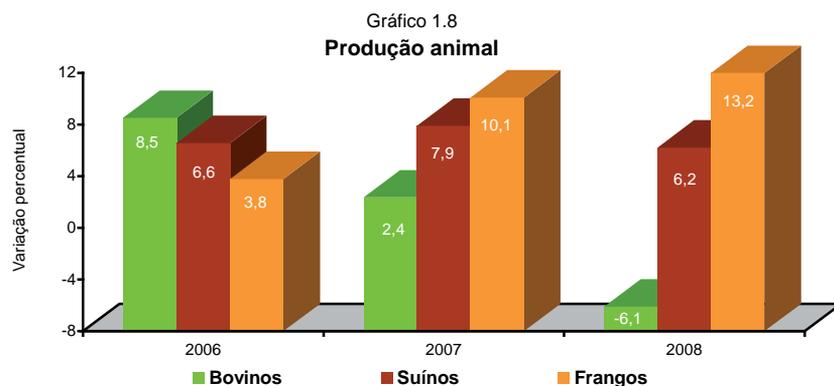
A cultura de algodão herbáceo decresceu 2,5% e totalizou 2,4 milhões de toneladas, com contração de 5,2% na área colhida e aumento de 3% na produtividade média.

A safra de café atingiu 2,8 milhões de toneladas, elevando-se 25% no ano. Esse desempenho é explicado, em parte, pelo ano de alta no ciclo bianual da cultura do grão, expressa em aumento de 27,2% no rendimento médio da cultura. A área colhida recuou 1,8%.

A produção de cana-de-açúcar totalizou 653,2 milhões de toneladas. O aumento anual de 19,2% traduziu as expansões ocorridas na área plantada, 16,5%, e na produtividade média, 2,3%.

Pecuária

De acordo com a Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, divulgada pelo IBGE, as produções de carnes bovinas, de aves e suínas atingiram, na ordem, 6.619 milhões, 10.175 milhões e 2.634,3 milhões de toneladas, representando variações anuais respectivas de -6,1%, de 13,2% e de 6,2%.



Fonte: IBGE

As exportações de carnes bovinas, de aves e suínas totalizaram, na ordem, um milhão, 3,3 milhões e 467,6 mil toneladas, registrando variações anuais respectivas de -20,5%, de 8,7% e de -15,3%.

Política agrícola

O plano agrícola e pecuário 2008/2009, divulgado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), prevê a disponibilidade de R\$78 bilhões para o crédito rural, dos quais R\$65 bilhões destinados à agricultura empresarial e R\$13 bilhões, à agricultura familiar.

Em relação à agricultura empresarial, R\$55 bilhões são destinados para créditos de custeio e comercialização, volume 12% superior ao disponibilizado no plano anterior, dos quais 82,5% programados a taxas de juros controladas – crescimento anual de 19,9% – e 17,5% a taxas de juros livres – contração de 14,7%. Para investimento, serão destinados R\$10 bilhões, com aumento anual de 12,4%, dos quais R\$3,5 bilhões originários dos Fundos Constitucionais.

No âmbito dos programas com financiamento do BNDES, serão destinados R\$6,5 bilhões do segmento de créditos para investimento, com acréscimo anual de 0,8%. Em relação ao Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Moderfrota), a principal mudança constituiu-se na eliminação da taxa fixa de juros de 4% a.a. O Programa de Modernização da Agricultura e Conservação de Recursos Naturais (Moderagro) registra aumento de R\$50 mil, no limite por beneficiário, para R\$250 mil, enquanto para o Programa de Geração de Emprego e Renda Rural (Proger Rural) serão disponibilizados R\$500 milhões do programa Moderfrota, a 7,5% a.a., incorporando, ainda, aumento no limite de renda para R\$250 mil – para enquadramento no programa – e elevação no limite de financiamento para R\$150 mil.

Ressalte-se a criação do Programa de Estímulo à Produção Agropecuária Sustentável (Produsa), com alocação de recursos originários do BNDES prevista em R\$1 bilhão, que objetiva incentivar a recuperação de áreas degradadas para retorno ao sistema de produção, além de colaborar com a adoção de sistemas sustentáveis.

Produtividade

A produtividade do trabalho industrial, definida como a razão entre o índice de produção física do setor e o indicador do número de horas pagas ao pessoal ocupado assalariado na produção fabril, ambos divulgados pelo IBGE, aumentou 1,1% em 2008, após alta de 4,1% no ano anterior. Essa elevação refletiu a ocorrência de aumento de 2,2% na produtividade da indústria de transformação, contrastando com o recuo de 1,9% assinalado na indústria extrativa mineral. Dentre os setores pesquisados, as maiores variações aconteceram nas atividades vestuário, 10,1%, e fumo, 7,7%. Houve redução significativa na produtividade dos setores de coque, refino de petróleo e álcool, 10%, e de máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos de precisão e de comunicação, 8,2%.

A produtividade do trabalho industrial registrou acréscimo em oito das dez unidades federativas pesquisadas pelo IBGE, em especial no Paraná, 7,2%, no Espírito Santo, 6,6%, e em Pernambuco, 6,5%, enquanto em Minas Gerais e na Bahia o indicador apresentou quedas respectivas de 3% e 1%.

A produtividade média do setor agrícola, definida como a razão entre a produção de grãos e a área colhida, ampliou-se em 5,3% no ano. A produção de fertilizantes agrícolas, segundo a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), apresentou recuo anual de 9,6%, enquanto suas importações recuaram 12,1%, resultando em retração de 8,9% na demanda total. As vendas de máquinas agrícolas expandiram-se 42% no ano, de acordo com a Anfavea, registrando-se aumentos nas vendas de máquinas colheitadeiras, 87,5%; tratores de rodas, 38,7%; e máquinas cultivadoras, 18,3%.

Energia

A produção de petróleo, incluindo líquido de gás natural (LGN), cresceu 3,4% no ano, ante 1,3% em 2007, considerando dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP). A produção média situou-se em 1.896 mil barris/dia ante 1.833 mil barris/dia no ano anterior, registrando o maior patamar em setembro, 1.946 mil barris/dia, e o menor em março, 1.835 mil barris/dia. A produção de gás natural elevou-se 18,6% em 2008, atingindo a média de 371 mil barris/dia.

Quadro 1.14 – Consumo aparente de derivados de petróleo e álcool carburante

Média diária (1.000 b/d)

Discriminação	2006	2007	2008
Petróleo	1 368	1 423	1 485
Óleos combustíveis	88	95	89
Gasolina	326	318	324
Óleo diesel	672	716	769
Gás liquefeito	203	207	211
Demais derivados	79	86	91
Álcool carburante	194	262	336
Anidro	88	101	108
Hidratado	107	161	228

Fonte: ANP

O total de óleo processado nas refinarias permaneceu praticamente estável em relação ao ano anterior, recuo de 0,1%, atingindo 1.742 mil barris/dia. A participação do petróleo nacional manteve-se estável, em 77%, enquanto a importação de petróleo recuou 1,6% no ano, atingindo 394 mil barris/dia. As exportações apresentaram elevação de 2,8%, situando-se em 433 mil barris/dia.

O consumo de derivados de petróleo aumentou 4,4% no mercado interno em 2008, com ênfase nos aumentos registrados nos segmentos gasolina de aviação, 11,1%; óleo diesel, 7,5%; querosene de aviação, 6,6%; e demais derivados de petróleo, 6,5%. A demanda por gasolina automotiva e gás liquefeito de petróleo (GLP) aumentou 1,9% e 1,6%, respectivamente. Houve recuos relativos ao consumo de querosene para iluminação, 21%; e óleos combustíveis, 6,6%. O consumo de álcool aumentou 28,5%, refletindo o crescimento das vendas de automóveis com a tecnologia bicombustível, registrando-se acréscimos nas vendas de álcool hidratado, 41,6%, e de álcool anidro, 7,5%.

O consumo nacional de energia elétrica expandiu 3,6% em 2008, de acordo com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), empresa pública federal vinculada ao Ministério de Minas e Energia (MME). Ocorreram elevações nos segmentos comercial, 5,5%; residencial, 5% e industrial, 2,3%. O consumo de outros segmentos não listados – entre eles, iluminação pública, serviços e poderes públicos e o setor rural – apresentou aumento anual de 3,1%.

Quadro 1.15 – Consumo de energia elétrica^{1/}

GWh

Discriminação	2006	2007	2008
Total	358 095	378 551	392 014
Por setores			
Comercial	55 474	58 739	61 963
Residencial	86 071	90 300	94 856
Industrial	164 775	175 423	179 434
Outros	51 775	54 089	55 761

Fonte: EPE

1/ Não inclui autoprodutores.

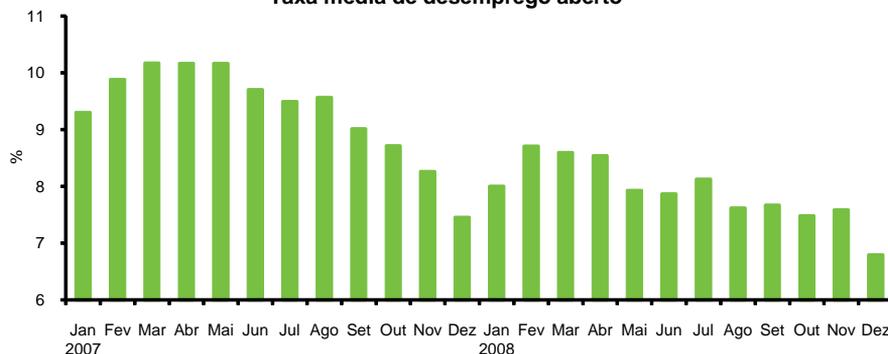
A análise por região evidenciou a ocorrência de acréscimos no consumo de energia elétrica nas regiões Centro-Oeste, 5,8%; Sudeste, 4,6%; Sul, 4,4%; Norte, 4,3%; e Nordeste, 3,4%, no período comparativo.

Indicadores de emprego

O desempenho da atividade econômica em 2008 proporcionou desdobramentos positivos, em termos quantitativos e qualitativos, sobre as condições do mercado de trabalho, não obstante os impactos da crise externa observados no último trimestre.

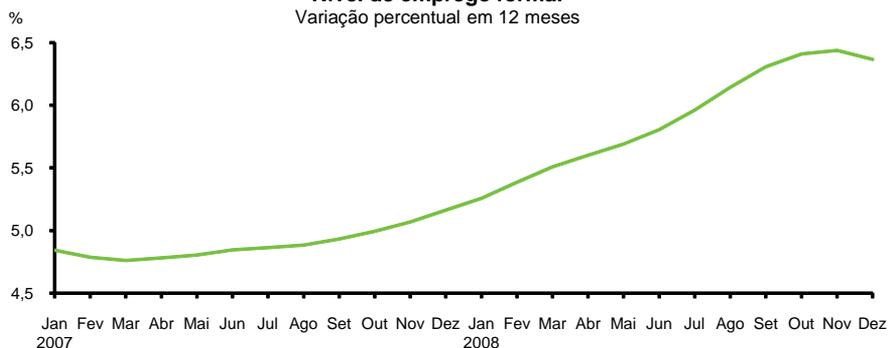
De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do IBGE, a taxa de desemprego média nas seis principais regiões metropolitanas do país atingiu 7,9% em 2008, representando recuo de 1,4 p.p. em relação a 2007. Esse movimento resultou, em especial, do crescimento de 3,4% observado na ocupação, equivalendo à criação de 625 mil novos postos de trabalho na área de abrangência da pesquisa, 98% dos quais com a carteira assinada. No mesmo período, o número de empregados sem carteira recuou 0,4%, enquanto o contingente de trabalhadores por conta própria cresceu 0,4%.

Gráfico 1.9
Taxa média de desemprego aberto



Fonte: IBGE

Gráfico 1.10
Nível de emprego formal
 Variação percentual em 12 meses



De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), foram criados 1.452,2 mil postos de trabalho com carteira de trabalho assinada em 2008, terceiro melhor resultado desde o início da pesquisa, em janeiro de 1985. O número de trabalhadores com carteira assinada cresceu 6,4% no ano, resultado de expansões generalizadas no nível de emprego dos principais setores da economia, atingindo 6,7% no comércio, 6% nos serviços e 5,6% na indústria de transformação. Ressalte-se o desempenho da construção civil, que pelo terceiro ano consecutivo apresentou taxa de expansão acima da média, registrando crescimento de 17,4% em 2008.

Quadro 1.16 – Emprego formal – Admissões líquidas

Em mil

Discriminação	2006	2007	2008
Total	1 228,7	1 617,4	1 452,2
Por setores			
Indústria de transformação	250,2	394,6	178,7
Comércio	336,8	405,1	382,2
Serviços	521,6	587,1	648,3
Construção civil	85,8	176,8	197,9
Agropecuária	6,6	21,1	18,2
Serviços industriais de utilidade pública	7,4	7,8	8,0
Outros ^{1/}	20,3	25,0	19,0

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Indicadores de salários e rendimentos

A média anual do rendimento médio real habitualmente recebido pelos ocupados nas seis regiões metropolitanas abrangidas pela PME atingiu R\$1.260,08, em valores de dezembro de 2008, elevando-se 3,4% em relação ao ano anterior e alcançando o maior patamar desde 2003. Note-se que o ritmo de crescimento dos rendimentos acelerou no

segundo semestre do ano, quando cresceu 4,5% em relação ao mesmo período de 2007, após elevação de 2,3% no semestre anterior, considerado o mesmo tipo de comparação. A massa salarial real, produto do rendimento médio real habitualmente recebido pelo número de ocupados, cresceu 6,9% em 2008.

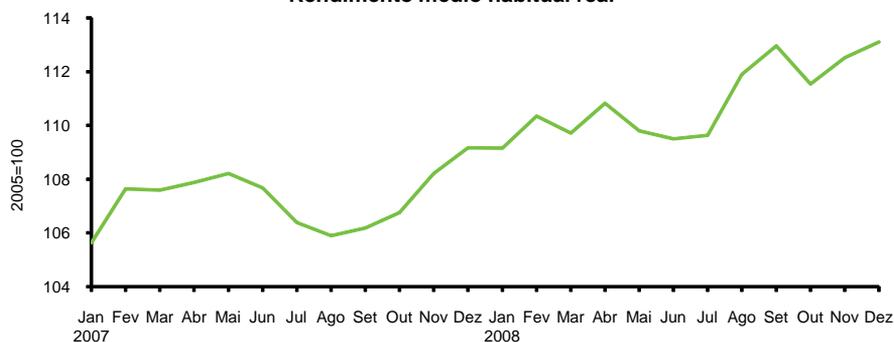
Quadro 1.17 – Rendimento médio habitual das pessoas ocupadas – 2008

Variação percentual		
Discriminação	Nominal	Real ^{1/}
Total	9,9	3,4
Posição na ocupação		
Com carteira	8,5	2,0
Sem carteira	7,6	1,3
Conta própria	10,7	4,1
Por setor		
Setor privado	8,9	2,4
Setor público	10,7	4,1

Fonte: IBGE

1/ Deflacionado pelo INPC. Abrange as regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Gráfico 1.11
Rendimento médio habitual real

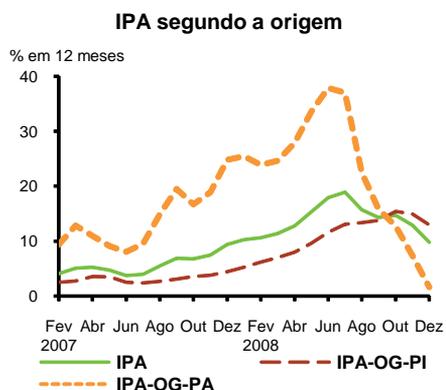
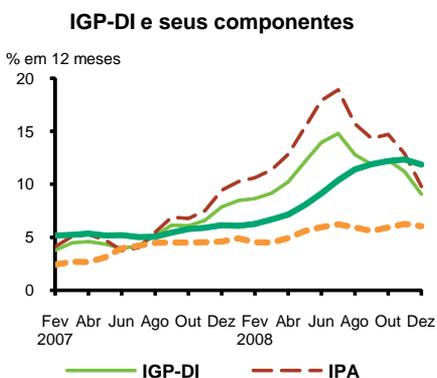
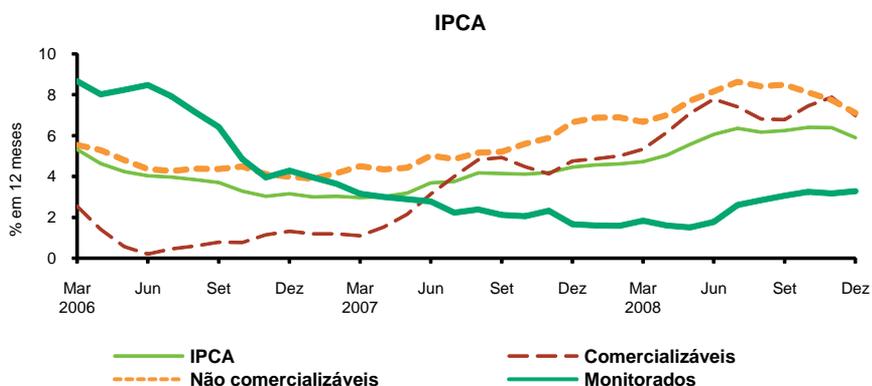
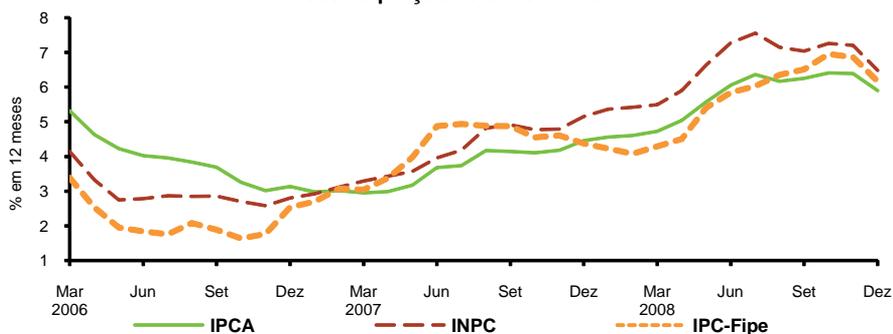


Fonte: IBGE

Indicadores de preços

A aceleração registrada nas taxas de inflação em 2008, em relação ao ano anterior, esteve influenciada pelo comportamento dos preços livres, que traduziu a intensificação do ritmo da atividade econômica, o aumento dos preços dos alimentos e a elevação dos preços monitorados. A variação do IPCA, calculado pelo IBGE, atingiu 5,90%, situando-se no intervalo estipulado como meta pelo CMN no âmbito do regime de metas para a inflação.

Gráfico 1.12
Índices de preços ao consumidor



Fontes: IBGE, Fipe e FGV

Índices gerais de preços

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), calculado pela FGV, que agrega o Índice de Preços por Atacado – Disponibilidade Interna (IPA-DI), o Índice de Preços ao Consumidor – Brasil (IPC-Br) e o Índice Nacional do Custo da Construção

(INCC), com pesos respectivos de 60%, 30% e 10%, registrou variação de 9,10% em 2008, ante 7,89% no ano anterior.

As variações anuais dos três componentes do IGP-DI registraram aceleração em 2008. O IPA-DI, evidenciando o comportamento dos preços no comércio atacadista, em resposta à alta dos preços dos produtos industriais, cresceu 9,80% no ano, ante 9,44% em 2007, com os preços dos produtos industriais elevando-se 12,96% e os relativos aos produtos agrícolas, 1,64%, ante 4,42% e 24,82%, respectivamente, em 2007. O IPC-Br aumentou 6,07% e o INCC, 11,87%, ante, na mesma ordem, 4,60% e 6,15% em 2007.

Índices de preços ao consumidor

O IPCA, divulgado pelo IBGE, aumentou 5,90% em 2008, registrando-se elevação de 3,27% nos preços dos bens e serviços monitorados¹ e de 7,05% nos preços livres, ante 1,65% e 5,73%, respectivamente, no ano anterior. A variação anual do IPCA, indicador que considera a cesta de consumo de famílias com rendimento mensal entre um e quarenta salários mínimos, constituiu-se na sexta menor desde o início de sua divulgação, em 1980.

O desempenho do IPCA no ano refletiu acelerações nos preços monitorados, de 1,65% para 3,27%, evidenciando o final do impacto da redução dos preços de energia elétrica e o aumento da taxa de água e esgoto; e nos preços livres, de 5,73% para 7,05%, resultado associado à intensificação do ritmo da atividade econômica e ao comportamento dos preços dos alimentos, em especial dos itens arroz, feijão-preto, carnes, tubérculos, raízes e legumes, açúcares, pão francês.

A variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), calculado igualmente pelo IBGE, atingiu 6,48% em 2008, ante 5,16% em 2007. Essa variação, superior à assinalada pelo IPCA, evidencia a maior participação, 30,31%, do grupo alimentação e bebidas no INPC, ante 22,76% no IPCA, tendo em vista que o INPC considera a cesta de consumo de famílias com rendimento mensal de um a seis salários mínimos, para as quais o comprometimento da renda com gastos de alimentação é relativamente maior.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC), calculado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe)², também refletiu o ritmo da atividade econômica e a alta dos preços dos alimentos, crescendo 6,16% em 2008, ante 4,38% no ano anterior.

1/ Entende-se por preços monitorados aqueles que são direta ou indiretamente determinados pelos governos federal, estadual ou municipal. Em alguns casos, os reajustes são estabelecidos por contratos entre produtores/fornecedores e as agências de regulação correspondentes, como nos casos de energia elétrica e de telefonia fixa.

2/ Para famílias com rendimento entre um e vinte salários mínimos na cidade de São Paulo.

Quadro 1.18 – Participação de itens no IPCA em 2008

Variação percentual

Itens	IPCA				
	Pesos ^{1/}	Variação acumulada em 2007	Variação acumulada em 2008	Contribuição acumulada em 2008	Participação no índice ^{2/}
IPCA	100,00	4,46	5,90	5,90	100,00
Refeição	3,97	7,79	14,46	0,57	9,74
Carnes	2,15	22,15	24,01	0,52	8,75
Empregado doméstico	3,13	9,50	11,04	0,35	5,86
Pão francês	1,19	7,92	19,35	0,23	3,89
Arroz	0,61	-1,90	33,94	0,21	3,51
Higiene pessoal	2,31	2,30	7,34	0,17	2,87
Tubérculos, Raízes e Legumes	0,62	25,81	20,27	0,13	2,13
Feijão-preto	0,14	39,02	65,52	0,09	1,61
Artigos de limpeza	0,78	3,00	11,44	0,09	1,51
Açúcar refinado	0,19	-22,73	13,10	0,03	0,43
Açúcar cristal	0,14	-28,69	12,71	0,02	0,29
Aparelhos eletroeletrônicos	1,81	-4,66	-2,82	-0,05	-0,87
Automóvel novo	2,85	1,76	-2,25	-0,06	-1,09
Automóvel usado	1,59	0,09	-4,32	-0,07	-1,17

Fonte: IBGE

1/ Média de 2008.

2/ Corresponde à divisão da contribuição acumulada no ano pela variação anual.

Quadro 1.19 – Participação dos grupos no IPCA em 2008

Variação percentual

Grupos	IPCA				
	Pesos ^{1/}	Variação acumulada em 2007	Variação acumulada em 2008	Contribuição acumulada em 2008	Participação no índice ^{2/}
IPCA	100,00	4,46	5,90	5,90	100,00
Alimentação e bebidas	22,40	10,77	11,11	2,42	41,02
Habitação	13,14	1,76	5,08	0,67	11,36
Artigos de residência	4,30	-2,48	1,99	0,09	1,53
Vestuário	6,51	3,78	7,31	0,48	8,14
Transportes	20,05	2,08	2,32	0,47	7,97
Saúde e cuidados pessoais	10,75	4,47	5,73	0,62	10,51
Despesas pessoais	9,74	6,54	7,35	0,72	12,20
Educação	7,06	4,16	4,56	0,32	5,42
Comunicação	6,05	0,69	1,78	0,11	1,86

Fonte: IBGE

1/ Média de 2008.

2/ Corresponde à divisão da contribuição acumulada no ano pela variação anual.

Preços monitorados

Os preços monitorados, ao variarem 3,27%, responderam por 0,98 p.p. da variação total do IPCA no ano. As maiores variações ocorreram nos itens taxa de água e esgoto, 7,11%; gás encanado, 13,96%, ônibus interestadual, 9,38%; passagem aérea, 12,18%; gás veicular, 23,44%, e pedágio, 11,88%; enquanto, em sentido inverso, o preço da gasolina recuou 0,26% e as tarifas de telefone celular, 2,82%. Ressaltem-se, ainda, as elevações nos itens gás de bujão, 2,42%; tarifas de energia elétrica, 1,11%, e de ônibus urbano, 3,08%.

Quadro 1.20 – Principais itens na composição do IPCA em 2008

Discriminação	IPCA			
	Pesos ^{1/}	Variação acumulada em 2007	Variação acumulada em 2008	Contribuição acumulada em 2008
Índice (A)	100,00	4,46	5,90	5,90
Preços livres	70,13	5,73	7,05	4,92
Preços monitorados	29,87	1,65	3,27	0,98
Itens monitorados – Selecionados				
Gás veicular	0,11	5,44	23,44	0,03
Gás encanado	0,10	5,75	13,96	0,01
Passagem aérea	0,28	3,12	12,18	0,03
Pedágio	0,13	4,61	11,88	0,02
Ônibus interestadual	0,38	4,63	9,38	0,04
Água e esgoto	1,61	4,82	7,11	0,11
Plano de saúde	3,37	8,13	6,15	0,21
Telefone fixo	3,49	0,34	3,64	0,13
Ônibus urbano	3,73	4,69	3,08	0,12
Gás de bujão	1,13	0,11	2,42	0,03
Energia elétrica	3,33	-6,16	1,11	0,04
Gasolina	4,29	-0,68	-0,26	-0,01
Telefone celular	1,43	2,92	-2,82	-0,04

Fonte: IBGE

1/ Média de 2008.

Os valores dos planos de saúde, que são regulados pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), aumentaram 6,15% em 2008, com impacto de 0,21 p.p. sobre o IPCA, variando de 5,91% em São Paulo a 6,52% em Salvador. As tarifas de ônibus urbano aumentaram 3,08% em 2008, exercendo contribuição de 0,11 p.p. no IPCA, com os maiores reajustes ocorrendo em Goiânia, 11,11%; Recife, 9,40%; e Rio de Janeiro, 6,37%. A variação da taxa de água e esgoto representou 0,11 p.p. do aumento do IPCA, registrando-se elevações mais acentuadas no Rio de Janeiro, 12,82%, e em Salvador, 12,07%, ante estabilidade em Curitiba.

Os reajustes das tarifas de telefonia fixa, autorizados anualmente pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), a partir da aplicação da variação de uma cesta de índices de preços sobre o conjunto de serviços prestados, atingiram, em média, 3,64% em 2008.

A média dos reajustes das tarifas de energia elétrica, que recuaram em cinco das onze regiões abrangidas pelo IPCA, situou-se em 1,11%, após recuo de 6,2% em 2007. Regionalmente, a variação do preço da energia elétrica apresentou comportamento distinto, recuando 17,22% em Belo Horizonte e expandindo-se 18,92% em Belém. Os preços da gasolina recuaram 0,26% em 2008, ante redução de 0,68% no ano anterior, enquanto os relativos ao gás de bujão cresceram 2,42%. Os preços dos remédios e das tarifas de ônibus intermunicipais aumentaram, na ordem, 3,98% e 5,66%, ante 0,54% e 4,20%, respectivamente, em 2007.

Núcleos

Repetindo o comportamento do índice cheio, os três núcleos de inflação do IPCA calculados pelo Banco Central apresentaram aceleração em 2008, ressaltando-se que os núcleos calculados por médias aparadas registraram variações anuais inferiores à do índice cheio, enquanto o núcleo por exclusão apresentou aumento mais acentuado.

Quadro 1.21 – Preços ao consumidor e seus núcleos em 2008

Variação percentual Discriminação	2007	2008		
		1º sem	2º sem	No ano
IPCA (cheio)	4,46	3,64	2,18	5,90
Exclusão	4,11	3,26	2,74	6,09
Médias aparadas				
Com suavização	4,04	2,52	2,24	4,82
Sem suavização	3,62	2,64	2,22	4,92
IPC-Br	4,60	3,84	2,15	6,07
Núcleo IPC-Br	3,31	2,10	1,94	4,07

Fontes: IBGE e FGV

O núcleo por médias aparadas com suavização cresceu 4,82% em 2008, ante 4,04% no ano anterior, enquanto o núcleo por médias aparadas sem suavização apresentou variações respectivas de 4,92% e 3,62%. A variação do núcleo por exclusão, que exclui do IPCA o subgrupo alimentação no domicílio e os preços monitorados, atingiu 6,09%, ante 4,11% em 2007.

A variação do núcleo do IPC-Br, calculado pela FGV pelo método de médias aparadas com suavização, passou de 3,31% em 2007 para 4,07% em 2008, situando-se em patamar inferior à elevação de 6,07% do IPC-Br.